

## "Mais que amigos, eram irmãos" – A amizade no contexto da fratria ou o reverso da rivalidade fraterna <sup>1</sup>

### Resumo:

A relação fraterna tem um papel de extrema importância na formação da personalidade, cujo reconhecimento só recentemente tem vindo a ser valorizado na literatura psicanalítica.

Centrada sobretudo na sua dimensão conflitual, a relação fraterna vem sendo objecto de outras abordagens, mais focalizadas nos sentimentos associados à amizade.

É pois através da abordagem do vínculo da amizade, que o autor se propõe analisar e questionar a temática da relação fraterna, fazendo uso da sua experiência/prática clínica como grupanalista.

**Palavras-chave:** amizade, relação fraterna, grupanálise.

Autor:

**Francisco Salgado**

Psicólogo Clínico, Membro Titular da Sociedade Portuguesa de Grupanálise.

E-mail: [franciscosalgado@sapo.pt](mailto:franciscosalgado@sapo.pt)

### I - Nota introdutória

Faces da mesma moeda, a amizade e a rivalidade, tal como o amor e o ódio, são tonalidades afectivas que se podem encontrar, de forma complementar, no conjunto de sentimentos que constituem o complexo relacional fraterno.

A rivalidade fraterna foi por nós abordada, em cooperação com Teresa Silva Pinto, no período compreendido entre 2000 e 2004. Procurou-se então demonstrar, entre outros aspectos, a necessidade de se compreender este quadro relacional, para além dos contornos edipianos, bem como a sua importância para a formação da personalidade e para o processo de socialização do indivíduo.

Como é sabido, o reconhecimento da importância do relacionamento fraterno, só recentemente passou a ser valorizado na literatura psicanalítica.

---

<sup>1</sup> Comunicação apresentada no XI Congresso Nacional da Sociedade Portuguesa de Grupanálise, realizado em Lisboa, a 12 e 13 de Novembro de 2010.

Centrada inicialmente na sua dimensão conflitual, a relação fraterna tem vindo a ser objecto de outras abordagens, mais focalizadas em torno de sentimentos associados à amizade.

É pois através do vínculo da amizade, que nos propomos analisar a temática da relação fraterna.

Assim, começaremos por abordar a amizade, depois a relação fraterna, para de seguida nos centrarmos na amizade na relação fraterna e sua contextualização nos grupos de grupanálise; finalizamos formulando um conjunto de perguntas, dinamizadoras do debate com a audiência.

## **II - A amizade**

Na antiga Grécia, Aristóteles dizia que o homem tinha como ambição, duas grandes coisas: o conhecimento e a felicidade. De Epicuro a Platão acreditava-se que a felicidade estava ligada ao culto da amizade (Lima, 2004).

A concepção aristotélica considera o amigo, como um “segundo eu” ou um “outro eu” (Ortega 2002, cit in: Oliveira, 2005) e tal como Platão, sustenta a ideia de que o homem não é auto-suficiente, necessitando de amigos, tanto para o desenvolvimento e cultivo de “virtudes”, como para se afastar da ignorância e alcançar assim a felicidade.

Em Sócrates, a procura da verdade e do conhecimento de si, obriga à aceitação e reconhecimento da sua própria ignorância. Para isso, o indivíduo precisa de aderir ao que é diferente de si próprio, libertando-se, até certo ponto, de dogmas e de princípios da autoridade. Nesse sentido, não admite a distinção entre mestre e discípulo, considerando-os como amigos, capazes de estabelecer trocas em plena paridade (Oliveira, 2005).

Na actualidade, Coimbra de Matos, no seu artigo intitulado “O jogo do amor na psicanálise e na vida” (2008) recentemente editado na revista “Se..., Não!” refere que: “A cooperação e confiança, promovem mais desenvolvimento e inovação que a competição e desconfiança”. Neste sentido, apresenta e caracteriza vários tipos de amor naturais (não patológicos), de que destacaríamos: o amor pais-filhos; o amor fraterno e o amor conjugal. Assim:

**“Mais que amigos, eram irmãos” – A amizade no contexto da fratria ou o reverso da rivalidade fraterna**

“1) Amor pais-filhos, parental-filial, vínculo protector-protegido e cuidador-cuidado, relação de segurança e ajuda. É uma relação assimétrica, de eixo vertical (...). É também uma relação de dependência (...) e unívoca.

2) Amor fraterno ou amizade. É uma relação simétrica, horizontal, interdependente e biunívoca (...). Predomina a comunhão identitária e a identificação por similaridade. É uma relação de filia, não de erotismo.

3) Amor conjugal ou conjugalidade. Relação simétrica e assimétrica (simétrica de poderes, assimétrica de funções), horizontal, interdependente e uniunívoca (...); caracteriza-se pela complementaridade identitária (diferentes mas complementares) ...”.

Por oposição ao amor natural, o amor patológico apresenta-se fusional, delirante e narcísico.

No que se refere ao relacionamento entre irmãos, facilmente encontramos descrições quer reais, quer na literatura, que ilustram amores ou ódios intensos. Nos amores intensos, a ideia de almas gémeas, leva à união corporal, efectuada no incesto; nos ódios entre irmãos, a mesma confusão entre si e o outro (neste caso a mãe) gera rivalidade mortífera (Fernandes, 2002).

Quer num caso, quer no noutro, estamos perante uma relação fusional entre dois seres, em que dois, são apenas um: nas relações incestuosas, a existência passa pela fusão total – uma só alma, um só corpo; nas relações fratricidas, um dos dois tem de ser aniquilado para que o outro exista (Fernandes, 2002).

A amizade como nos refere Fernandes (2002) não se revê nesta fusão narcísica, mas sim na proximidade de indivíduos, que reconhecem o desejo e a diferença entre ambos. A amizade é construída no reconhecimento da identidade de dois seres, o amor, na ambição de serem delirantemente um só (alma e corpo). Nesse sentido, arriscaríamos a dizer, como Gikovate (cit in: Lima, 2004) que a amizade, pode ser entendida como um processo de adultização do amor.

### **III - A relação fraterna**

A progressiva redução das fratrias, aumenta a intensidade das relações entre irmãos, bem como a sua interdependência; esta interdependência acentua-se em situações de crise (divórcio dos pais) ou, quando se dá a entrada de um grupo de irmãos, para uma nova família (onde há que partilhar um novo espaço e a atenção do novo casal). Nestas

situações, tão frequentes hoje em dia, as relações fraternas podem se caracterizar, como uma “ilha de estabilidade” ou até de “permanência familiar” (Almodovar, 1986 cit in: Fernandes, 2002).

Ao privilegiar o complexo edipiano, como estrutura nuclear na formação da personalidade, a psicanálise clássica secundariza o valor específico do complexo fraterno. Este é considerado, um deslocamento do complexo de Édipo.

Em oposição à psicanálise clássica, Benghozi e Féres-Carneiro (2001, cit in: Goldsmid; Féres-Carneiro, 2007) consideram a fratria uma entidade sincrónica, com um aparelho psíquico específico, diferente da soma dos psiquismos individuais dos irmãos, e que se constitui como continente grupal.

O vínculo fraterno é considerado uma construção psíquica comum aos membros de uma fratria, que lhes permite distinguir-se, como subgrupo dentro do grupo familiar. Com a chegada do irmão, a criança é obrigada a deixar de ser o objecto exclusivo e privilegiado da figura materna, o que facilita a diferenciação do real e do imaginário, e assegura a mediação e o intercâmbio entre a realidade psíquica e a realidade grupal.

Nesta perspectiva, Jaitin (2001, cit in: Goldsmid; Féres-Carneiro, 2007) coloca a hipótese de que, da mesma forma que a mãe é o primeiro objecto intermediário entre a criança e o mundo (entre o eu e o não eu), também os irmãos, enquanto figuras reais, representam os primeiros instrumentos de apropriação ou de utilização da realidade.

Para Goldsmid e Féres-Carneiro (2007), os irmãos ao formarem um subgrupo dentro da família, também designado de subsistema fraterno, ampliam o complexo edipiano, transformando-o em complexo familiar. O relacionamento fraterno vai então contribuir significativamente, tanto para a harmonia, como para a desarmonia familiar, assumindo-se como um laboratório para as relações sociais experimentadas fora da família.

Continuando com estes autores, constatamos que há um conjunto de factores, como o género, as diferenças de idade, a intervenção dos pais e o “temperamento”, que interferem nas características relacionais da criança.

Por exemplo, se o irmão surge precocemente, durante a fase do desmame, pode suscitar impulsos destrutivos ou de carácter regressivo oral. Já o nascimento de um irmão no período pré-edipiano, levanta um conjunto de questões sobre a sexualidade,

que irão precipitar a sua entrada no complexo de Édipo: a descoberta da diferença sexual na infância, a origem dos bebés, a cena primitiva e a angústia de castração.

Ao nascer já tardiamente, o bebé pode ser “adoptado”, mobilizando no seu irmão mais velho, identificações parentais, com consequentes sentimentos de ternura e protecção.

Quando a fratria é constituída por irmãos adolescentes, o principal motivo de discórdia é a demarcação do território e o uso de objectos pessoais. No entanto, também é conhecida a solidariedade entre os irmãos, que leva muitas vezes os pais a sentirem-se perante um verdadeiro “sindicato dos filhos”, em que estes se protegem uns aos outros, numa atitude claramente corporativa (Goldsmid; Féres-Carneiro, 2007).

Relativamente à posição na fratria, Freud disse (1917):” a posição que uma criança ocupa na sequência da família é factor de extrema importância na determinação da sua vida posterior, e deve merecer consideração em toda a anamnese”.

Adler (1957, cit in: Goldsmid; Féres-Carneiro, 2007) defende a ideia de que para julgar um ser humano é necessário conhecer a situação em que se desenvolveu e em especial, a posição que ocupava, enquanto criança, no quadro da família.

O primogénito, segundo Britto (2002, cit in: Goldsmid; Féres-Carneiro, 2007) é geralmente mais próximo dos pais; possui o sentimento de ser o mais importante dos irmãos, em posição hierarquicamente superior e com mais responsabilidades. Ele é o modelo para os irmãos e é o herdeiro da liderança da família.

Para Adler (1957, cit in: Goldsmid; Féres-Carneiro, 2007) o segundo filho vive em estado de tensão nervosa, lutando contra a superioridade do mais velho. Já o mais novo, considera-o um tipo especial, privilegiado.

Apesar do reforço das investigações mais recentes, como a de Toman (1961) e a de Sulloway (1996) constata-se que, para além da ordem de nascimento, há outros factores, como o sexo do próprio e dos irmãos, as diferenças de idade e de tamanho da fratria, que são também importantes na determinação das semelhanças de personalidade, entre sujeitos que têm a mesma configuração fraterna (Fernandes, 2002).

## **IV - A amizade na relação fraterna**

### **A cumplicidade, o companheirismo e a solidariedade.**

Em "Totem e tabu", Freud (1913, cit in: Goldsmid; Féres-Carneiro, 2007) cria um mito sobre a origem da civilização. A formação da fraternidade seria uma consequência da renúncia colectiva ao lugar de pleno poder, antes ocupado pelo pai. A marca do grupo fraterno, vai ser um acordo, um pacto social, na necessidade de controlar a rivalidade fraterna e com ela, os sentimentos associados à inveja e ao ciúme.

Segundo Losso (2001, cit in: Goldsmid; Féres-Carneiro, 2007) a função fraterna pode ser então definida como a ajuda recíproca, de colaboração, de defesa de direitos e de provisão de modelos de identificação entre irmãos que, por pertencerem à mesma geração, funcionam como modelos de identificação diferentes do dos pais.

O relacionamento entre irmãos, vai então produzir identificações horizontais, secundárias às identificações verticais, representadas pelas figuras parentais.

O vínculo fraterno, por pertencer à mesma geração, é próximo, igual e simétrico. Essa simetria, já anteriormente referida por Coimbra de Matos, permite uma maior liberdade dos seus membros, facilitando assim o seu relacionamento. O domínio de um irmão face a outro, se existe, é negociável e pode inverter-se. Ele não é pressuposto, não define o vínculo, ao contrário do que acontece na relação pai-filho (Goldsmid; Féres-Carneiro, 2007).

De acordo com Goldsmid e Féres-Carneiro (2007) os irmãos, no seu relacionamento entre si, aprendem coisas da vida e do mundo, adquirem novos referenciais linguísticos, escutam histórias familiares, elaboram angústias, desenvolvem a criatividade através de jogos e brincadeiras, exploram domínios desconhecidos, entre os quais a sexualidade.

Segundo esses mesmos autores, a fratria estabelece laços de cumplicidade que permitem, em alguns casos, criar situações para "enganar o pai". Unidos numa iniciativa de liberdade legitimada pelo grupo, os irmãos desafiam a autoridade e o poder da verdade absoluta, atribuídos à figura paterna.

De uma forma geral, os irmãos têm um conhecimento consciente e inconsciente, do funcionamento psíquico uns dos outros. Cada irmão guarda na sua memória, um sem número de acontecimentos familiares. Mesmo que com o crescimento tenham caminhos diferentes, a experiência desta intimidade deixará a sua "marca" no

inconsciente de cada um. O conhecimento da intimidade do irmão continuará a ser um património de referência para a própria identidade.

Mas a função fraterna, não é apenas um desempenho atribuído aos irmãos. O pai pode exercer com o seu filho a função fraterna, por exemplo, numa situação de jogo, onde ambos estão em situação de paridade.

## **V - O contexto grupalítico**

Encontramos na literatura, quer fazendo referência à clínica, quer à vida social, mais relatos de exemplos ligados à competição, rivalidade e inimizade entre irmãos, do que relatos de exemplos de amizade, cumplicidade, companheirismo ou solidariedade.

O mesmo acontece nos grupos de grupalitise. Parece que Tanátos se sobrepõe a Eros, fazendo emergir mais as dimensões destrutivas da nossa personalidade, do que as construtivas.

Em grupalitise, apesar desta constatação, privilegamos tanto, a comunicação e elaboração dos afectos negativos como a dos positivos, desde que, se enquadrem na expressão real das emoções do indivíduo e desde que expressem a sua autenticidade, num exercício de amor à verdade. Não somos só “pessoas más”, somos também “pessoas boas”, muitas das vezes com dificuldades de o aceitarmos e integrarmos nas nossas personalidades.

Os modelos de vinculação afectos à relação fraterna, tais como ambivalência, rivalidade, sentimentos amorosos, necessidades de reparação, impulsos de domínio e sujeição entre irmãos..., actualizam-se no *setting* grupalítico, podendo assim ser objecto de elaboração terapêutica.

Em trabalhos anteriores (Salgado; Silva Pinto, 2001), sobre a rivalidade fraterna, defendemos alguns princípios que, agora com alguns “arranjos”, se aplicam igualmente à relação fraterna e à amizade em contexto fraterno, que resumiríamos da seguinte forma:

1-A relação fraterna é um processo profundamente enraizado no desenvolvimento da personalidade do indivíduo;

2-A conflitualidade/afectuosidade decorrente da relação fraterna faz emergir a problemática ligada à identidade;

3-A relação fraterna é um processo de fácil visibilidade em contextos de grupo de grupanálise;

4-Nesse sentido, a relação fraterna em grupanálise é um excelente meio de observação e de manejo terapêutico da identidade dos diferentes elementos do grupo;

5-A personalidade do grupanalista, alargada à emergência da relação fraterna, empresta-lhe autenticidade, contribuindo assim para a reconstrução e/ou criação de verdadeiras identidades nos seus analisandos.

A estes pontos acrescentamos hoje:

6-A amizade vivenciada pelo grupanalista, pode ser um meio de facilitação de acesso à verdade e, conseqüentemente, um excelente meio de trabalho terapêutico.

7- A amizade promove uma cultura positiva, de cooperação, de tolerância, facilitadora de novos pensamentos, novas aprendizagens, que se opõe a uma cultura, ainda hoje caracterizada pelo “trauma”, pela “falta”, tão dominante nos nossos paradigmas terapêuticos.

Em síntese, diríamos que a relação fraterna assume-se como um paradigma relacional que, como diz Coimbra de Matos, é simétrico, horizontal, interdependente e biunívoco, onde predomina a comunhão identitária e a identidade por similaridade, terreno onde se desenvolvem os sentimentos de pertença e de filiação, tão necessários nos dias conturbados em que vivemos.

## **VI - Discussão**

Decorrente deste trabalho, algumas perguntas de carácter conclusivo se colocam, a saber:

Será a amizade, face ao amor, um sentimento genético-evolutivo e sociológico, mais amadurecido?



**“Mais que amigos, eram irmãos” – A amizade no contexto da fratria ou o reverso da rivalidade fraterna**

Nesse sentido, não será a amizade, à semelhança da antiga Grécia, em que o cultivo da amizade estava intimamente associado à polis, à comunidade, o contraponto à “tirania da intimidade”, no que respeita “à vida pessoal desequilibrada e a uma esfera pública esvaziada”? (Ortega, 2000, cit in: Oliveira, 2005).

Não será o grupo de grupanálise, uma micro polis? E, nesse sentido, não será o grupo de grupanálise, um espaço privilegiado de introdução de uma nova cultura relacional, em que o reconhecimento da amizade seja um paradigma de referência?

E o grupanalista, não poderá assumir-se como figura mais próxima da de um amigo, defendida por Ferenczi? A autoridade do grupanalista e a perspectiva de que é investido, do suposto saber, de que nos fala Lacan, não resultam numa defesa, que desvirtua de alguma forma, o compromisso do amor à verdade, tão defendido por Freud e Bion?

Como Sócrates nos sugere, não será a paridade, uma condição fundamental do processo criativo e da livre expressão do pensamento?

Nesse sentido, os sistemas hierarquizados das sociedades analíticas, de que a Sociedade Portuguesa de Grupanálise é um exemplo, normativas, assentes em princípios de autoridade, não se apresentam como inibidoras à emergência de novas ideias e de novos desenvolvimentos, contrariando a liberdade da sua própria praxis clínica?

Não serão a cooperação e a confiança, por oposição à rivalidade competitiva, facilitadores e promotores de inovação?

Na clínica, a vivência de sentimentos positivos de afectuosidade, não coloca os mesmos problemas de proximidade/distância, de diferenciação eu/outro, que os da agressividade?

Não é o grupo de grupanálise, uma soma de “amigos não escolhidos” como é o grupo fraterno?

A experiência em grupanálise é única e diferente da realidade vivida por cada membro do grupo. Haverá na vida real, possibilidades de se começar como o irmão mais novo e acabar como o mais velho, como pode acontecer num grupo de grupanálise?

E esta nova realidade, que designamos por “universalidade experiencial fraterna”, será que facilita processos de compreensão, de mudança e de relacionamento interpessoal mais adaptativos?

Retomando o título deste trabalho: "Mais que amigos, eram irmãos...", será que os laços afectivos entre irmãos são mais poderosos do que os laços afectivos entre amigos?

Quando formulamos perguntas, lembramos sempre o título do livro de João dos Santos: "Se não sabe, porque é que pergunta?", com a ideia de que só pergunta quem sabe, como a pergunta contenha em si uma afirmação de saber.

Num contexto de amizade, as perguntas são partilhas de saberes, de dúvidas à procura de novas dúvidas, de novos saberes, num movimento de liberdade, de crescimento e expansão da mente, tão ao jeito da nossa função de analistas.

## BIBLIOGRAFIA

- Fernandes, O. M. (2002) *Semelhanças e Diferenças entre Irmãos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Freud, S. (1976) O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais- conferência XXI, in *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (parte III)*, (1917) Edição Standard Brasileira, Vol. XVI, Rio de Janeiro, Imago Editora, pp. 375-395.
- Goldsmid, R.; Féres-Carneiro, T. A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão. *Psicologia em Revista*, Vol.13, Belo Horizonte, Dezembro 2007.
- Lima, R. Amor ou amizade? *Revista Espaço Académico*, Nº 35, Abril 2004.
- Matos, A.C. (2008) O jogo do amor na psicanálise e na vida. *Se..., Não! Revista de Psicanálise, Psicoterapia e Desenvolvimento Humano*, Vol.1 Julho/Dezembro (2010) pp. 115-124.
- Oliveira, L. (2005) *O sentido da amizade em Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, tese de doutoramento.
- Salgado, F. e Silva Pinto, T. (2001) *Pessoalidade em Grupanálise – um olhar através da rivalidade fraterna*. Comunicação apresentada no VI Encontro Luso-Brasileiro de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo, Lisboa (n/publicado).
- Santos, J.; Monteiro, J.S. (1988) *Se não sabe, porque é que pergunta?* Lisboa, Assírio e Alvim.